



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
LICENCIATURA EM DANÇA

BIANCA LOPES MEDEIROS

DANÇA-CRIANÇA: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DE DANÇA NA
INFÂNCIA

JOÃO PESSOA
2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
LICENCIATURA EM DANÇA**

BIANCA LOPES MEDEIROS

**DANÇA-CRIANÇA: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DE DANÇA NA
INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela acadêmica Bianca Lopes Medeiros como exigência do curso de graduação em Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora Prof. Ms. Candice Didonet

**JOÃO PESSOA
2020**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M488d Medeiros, Bianca Lopes.

DANÇA-CRIANÇA: Uma análise sobre o ensino de dança na
infância / Bianca Lopes Medeiros. - João Pessoa, 2020.
36 f. : il.

Orientação: Candice Didonet.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Dança. 2. Criança. 3. Educação Infantil. I. Didonet,
Candice. II. Título.

UFPB/CCTA

**DANÇA-CRIANÇA: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DE DANÇA NA
INFÂNCIA**

BIANCA LOPES MEDEIROS

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Candice Didonet

Prof. Dr^a. Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Prof. Dr^a. Ana Valéria Ramos Vicente

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, meu irmão e toda a minha família, pelo apoio desde a escolha do curso até o término da pesquisa e por serem sempre o meu porto seguro.

Aos meus amigos e colegas de curso, que tornaram esta trajetória mais leve.

À Cecília Costa, por ter acreditado em mim, me guiando nos meus primeiros passos como professora, e continuar me auxiliando e incentivando.

A todos os professores por quem passei nessa trajetória, da escola à universidade.

À minha orientadora, Candice Didonet por todas as contribuições e por me transmitir tanta calma durante o processo e à Márcia Strazzacappa e Ana Valéria Vicente por terem aceitado participar da banca.

A todas as crianças que passaram por mim e me acolheram com sorrisos e abraços, se tornando o foco desta pesquisa; e às famílias e escolas que confiaram no meu trabalho.

Por fim e o mais importante, à Deus e Maria, minha mãe do céu, por toda a proteção, todas as oportunidades que tive e que me possibilitaram chegar até aqui, por me concederem a paciência e perseverança necessárias para esta conclusão e por terem acalentado o meu coração quando o nervosismo tomava conta de mim.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”

Carl G. Jung

RESUMO

O movimento é inerente ao ser humano, e na infância este fato se torna ainda mais evidente. A criança quando nasce, ainda sem falar, busca conhecer tudo com o seu corpo e movimento. É pensando nessa estreita relação da criança com o movimento, que esta pesquisa traz uma reflexão sobre a prática de dança na infância. Baseada em questionamentos como professora de balé/dança para crianças o objetivo aqui é apresentar o papel da dança na infância (com ênfase na faixa etária correspondente à educação infantil) e pensar de que forma a dança pode contribuir para o desenvolvimento global da criança. Para isso, fizemos um apanhado bibliográfico das principais referências nacionais sobre o tema e uma análise de algumas propostas de ensino de dança que estão sendo comumente utilizadas com as crianças, conectando-as a alguns aspectos do desenvolvimento infantil.

Palavras chaves: Dança. Criança. Educação Infantil.

ABSTRACT

The movement is inherent to the human, and in childhood this fact is even more evident. When a child is born, still without speaking, it seeks to know everything with its body and movement. It is thinking about this close relationship of the child with the movement, that this research comes to bring a reflection on the practice of dance in childhood. Based on questions as a ballet/dance teacher for children, the aim is to present the role of dance in childhood (with an emphasis on the age group corresponding to early childhood education) and to think about how dance can contribute to the global development of kid. For this, we made a bibliographic overview of the main national references on this subject and an analysis of some dance teaching proposals that are being commonly used with children, connecting them to aspects of child development.

Keywords: Dance. Child. Early childhood education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bebê explorando o meio com boias espaguete	14
Figura 2 – Criança admirando a si própria no espelho	17
Figura 3 – Relação com o próprio corpo através dos sentidos	24
Figura 4 – Identificando os ossos do corpo	25
Figura 5 – Cuidado e atenção com o outro	26
Figura 6 – Exploração dos sentidos e movimentos com o uso de tinta	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A CRIANÇA	12
1.1 – Um olhar sobre o desenvolvimento infantil.....	13
1.2 – A criança de 2 a 7 anos	15
2. DANÇANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	18
1.3 – A educação infantil: o que diz a BNCC?.....	19
2.1 – Corpo, movimento e educação	20
2.2 – Dança na escola.....	21
2.3 – A dança e a criança: estabelecendo relações.....	23
3. INVESTIGANDO METODOLOGIAS	28
3.1 – A Dança Criativa.....	28
3.2 – O Balé <i>Baby Class</i>	29
3.3 – Ludicidade no ensino da dança	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A infância é uma fase sublime. Ouso dizer que a mais especial da nossa existência. Quando chegamos a esse mundo ainda não conhecemos absolutamente nada, e por isso, nos primeiros anos de vida os cuidados com a educação da criança devem ser dobrados, cada aprendizado significa muito. Na educação infantil, as crianças estão em fase de formação de caráter, essa fase da vida requer um olhar especial para temas que ajudem a criança a entender o mundo da melhor forma.

E que forma melhor para entender o mundo, senão com o movimento? Antes de falar, a criança se comunica com movimento e este permite que ela explore tudo a sua volta, conhecendo a si mesmo e aos outros. A dança, modo de comunicação com movimento, pode e deve ser trabalhada nesta fase. Além de contribuir com o desenvolvimento psicomotor, a dança, como linguagem artística também traz contribuições reflexivas que ajudarão no processo de formação cognitiva da criança.

O meu primeiro contato com aulas de dança foi por meio de aulas de balé que aconteciam de forma extracurricular na escola em que estudava. Comecei aos 4 anos e permaneci até finalizar a educação básica e sair da escola. Nos últimos anos de ensino médio, fui descobrindo uma paixão pelo ensino da dança e principalmente por ensinar crianças. Comecei então, a dar aulas de balé para crianças em escolas privadas de educação infantil, também de forma extracurricular.

Durante os anos ministrando aulas para crianças, somado aos aprendizados do curso de licenciatura em dança (disciplinas e estágios) e aos cursos livres na área, foram surgindo diversos questionamentos sobre a didática e os objetivos das aulas de balé/dança na educação infantil, seja na educação formal, extracurricular ou em academias de dança.

Estes questionamentos me trouxeram a esta pesquisa, que busca discutir temas relacionados à educação infantil e à dança, apresentando alguns problemas enfrentados pela dança na educação e relacionando a prática da dança com a formação integral da criança. Tendo como principal objetivo perceber a importância de ensinar dança para crianças, buscamos entender como este ensino tem se dado no Brasil e investigar maneiras de torná-lo mais eficiente. Para isso, faremos um levantamento bibliográfico relacionado ao assunto, aliando a teorias do desenvolvimento infantil com metodologias de ensino da dança.

No primeiro capítulo buscaremos na pedagogia e psicologia infantil, informações sobre o desenvolvimento da criança, focando na faixa etária de 2 a 7 anos e associando as

necessidades das crianças com a prática da dança. Daremos ênfase nas teorias de Jean Piaget e Henri Wallon somados ao olhar da Antroposofia.

Em um segundo momento, discutiremos sobre a posição da dança em contexto escolar, apresentando os conteúdos propostos pela Base Nacional Comum Curricular/BNCC para o ensino da dança na educação infantil. Dialogando também com autores e pesquisadores da área, tentaremos detectar os elementos principais a serem trabalhados em uma aula de dança nessa fase da vida.

O terceiro capítulo finaliza a pesquisa investigando propostas de ensino de dança que são comumente realizadas para o público infantil. Traremos a dança criativa, o balé *baby class* e a ludicidade. Com esta análise, veremos de que forma elas estão suprimindo as necessidades das crianças, para assim, ampliar as perspectivas sobre o ensino de dança para esta faixa etária buscando potencializar o desenvolvimento global da criança.

As imagens utilizadas ao longo do texto trazem um pouco do meu trabalho como docente, ilustrando os aspectos que defendo nesta pesquisa. Mostram alunas do Espaço Cria, local onde, atualmente, ministro aulas de balé para crianças de até 6 anos. As fotos foram gentilmente cedidas pela direção do Espaço Cria, com a autorização prévia dos responsáveis pelas crianças.

1. A CRIANÇA

Muitos são os estudos que têm como foco a criança e ao longo dos anos houve uma significativa evolução dos pensamentos no que se diz respeito à infância. Houve um tempo em que as crianças eram tratadas como humanos pequenos e só eram ouvidos e valorizados quando se tornavam adultos. Hoje sabemos o quão importante é esta fase para o desenvolvimento do indivíduo e que muita atenção deve ser tomada no cuidado com nossas crianças.

Apesar disso se percebe em algumas ocasiões uma tentativa de adultização das crianças. A imposição de uma rotina lotada de compromissos impossibilita que a criança viva experiências importantes na infância. Grande parte das crianças hoje em dia não brinca mais na rua, fica em casa assistindo televisão e conectada com seu computador, *tablet* e celular; faz muitas atividades extraclasse, passando às vezes, o dia inteiro na escola. Além disso, aprende a ler e a escrever cada vez mais cedo e aprende desde cedo também o inglês e outras línguas mais.

Olhando para outra realidade, temos crianças que não possuem acesso às tecnologias, nem a estas tantas atividades, mas acabam muitas vezes passando por este processo de adultização de uma outra maneira. Ajudando os pais nas tarefas domésticas ou no cuidado com os irmãos mais novos. A necessidade de trabalhar desde cedo para contribuir com a renda familiar.

Estes são alguns dos fatores que corroboram para que, em ambos os contextos, a criança não possa aproveitar a sua infância, sendo de fato criança, sem maiores preocupações. Uma cobrança gigante passa a tomar conta de algumas crianças como essas, que com tantas atividades para cumprir, não tem oportunidade de conhecer melhor as suas vontades, suas identidades e suas potencialidades.

Será que a dança não seria uma ótima alternativa de proporcionar às crianças, por um momento sequer, um contato maior com si próprio? Para iniciar a discussão sobre o assunto, este capítulo traz o centro da nossa pesquisa: a criança! E apesar da convicção de que cada criança possui suas individualidades e limitações podendo ou não se encaixar nas características citadas abaixo, propõe-se uma breve identificação das características predominantes em cada etapa tendo como base os pensamentos mais difundidos da psicologia e pedagogia acerca do desenvolvimento infantil.

1.1 – UM OLHAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A formação da criança tem início antes mesmo dela vir ao mundo. Dentro da placenta, o bebê capta de sua mãe todos os nutrientes necessários para o seu desenvolvimento. Quando nasce, encontra aqui fora um ambiente muito diferente do que estava acostumado. Começa então a buscar conhecer tudo que está ao seu redor. Veremos abaixo, as fases de desenvolvimento apontadas por Jean Piaget e Henri Wallon. Posteriormente, nos aprofundaremos nas principais características da faixa etária de 2 a 7 anos, que é o alvo desta pesquisa e acrescentaremos o olhar da antroposofia, por Rudolf Steiner.

De acordo com a teoria de Jean Piaget (1955 *apud* BUENO, 2016) o desenvolvimento da criança é dividido em quatro estágios: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. O primeiro, denominado sensório-motor, tem início quando a criança nasce e perdura até os 2 anos. Nesta fase, o bebê não tem ainda consciência do seu corpo e se confunde com a natureza. Porém, é através do movimento e dos sentidos que ele vai aos poucos descobrindo o mundo.

O próximo estágio, que vai dos 2 aos 7 anos, é chamado pré-operatório. A criança que se encontra neste estágio, já se expressa melhor através da linguagem oral. Segundo Cavicchia (2010, p.11), "o pensamento da criança entre dois e sete anos é dominado pela representação imagística de caráter simbólico. A criança trata as imagens como verdadeiros substitutos do objeto e pensa efetuando relações entre imagens."

No estágio operatório concreto, há uma maior consciência de suas ações e responsabilidades. Nesta fase, a criança opera sobre os objetos, adquirindo noções de medidas, espaço, tempo e de reversibilidade. A passagem do pensamento concreto para o abstrato ocorre no quarto estágio apontado por Piaget, o operatório formal. Agora, não é mais necessário um objeto, o sujeito já é capaz de entender hipóteses e condições imaginárias.

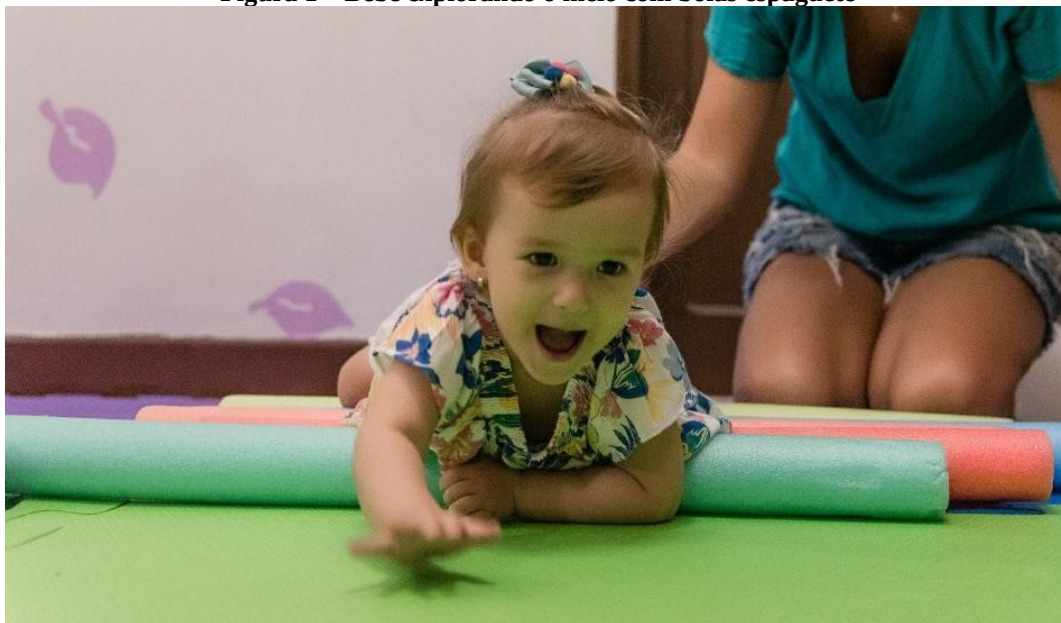
As fases atribuídas por Henri Wallon (*apud* BUENO, 2016) são, em partes, semelhantes com a divisão proposta por Piaget, mas ao contrário deste, que prioriza as características do desenvolvimento cognitivo, Wallon traz uma perspectiva integral da criança, abordando o desenvolvimento social e emocional do indivíduo. Os estágios de Wallon não correspondem a uma estrutura linear e podem, por vezes, se agregar a outros.

Pela teoria de Wallon, o bebê recém-nascido está no estágio impulsivo, no qual os movimentos são resultado de reações e instinto. Para Bueno (2016, p.105) "o bebê possui dependência total na relação com o meio, reagindo através de uma grande impulsividade motora para a satisfação de suas necessidades". Aos seis meses, a sensibilidade do bebê

começa a se desenvolver e as ações passam a ser guiadas pelas suas emoções e afetos. Este é o estágio tônico-emocional. Nesta fase, a tonicidade do bebê está diretamente ligada ao que ele está sentindo. Um gesto mais enérgico pode revelar irritação e estresse, enquanto movimentos leves demonstram calma e segurança.

Para Wallon, a criança entre 1 e 2 anos se encontra no estágio sensório-motor (mesmo nome utilizado por Piaget para representar a fase de 0 a 2 anos). Esse estágio apresenta uma evolução significativa na relação do pequeno sujeito com o mundo. O bebê explorador agora manipula objetos e desenvolve a comunicação (ainda não-verbal) através de seus gestos. Suas ações são voltadas para sua relação com o outro. É uma fase de grande relevância no aspecto do desenvolvimento motor da criança. É geralmente nesta idade que ela começa a andar, demonstrando maior equilíbrio, controle corporal e noção espacial.

Figura 1 – Bebê explorando o meio com boias espaguete



Fonte: Foto retirada do acervo do Espaço Cria, 2019.

O estágio projetivo tem início aos 2 anos, perdurando até os 4. É o início da linguagem verbal, tornando-a mais autônoma. É importante notar, que a cada conquista da criança nos primeiros anos de vida, abre-se um leque de novas possibilidades para ela interagir com o mundo.

Aos 3 anos, o estágio do personalismo inicia, se entrelaçando e acontecendo simultaneamente ao estágio apresentado anteriormente. Se caracteriza, principalmente, pelo avanço da consciência de si. De acordo com Tran-Thong (1981 *apud* BUENO, 2016, p.112), “a consciência que a criança toma de si própria revela-se no uso dos pronomes possessivos

com maior intensidade (eu, meu)”. Esse processo resulta em uma necessidade da criança de ser vista e de ser notada e validada pelos outros. Além disso, nesta fase, a imitação aparece como forma de admiração, nas brincadeiras da criança, sendo um fator importante na construção do seu caráter.

No estágio categorial, que se instala dos 7 aos 11 anos, a criança tende a aumentar a sua capacidade de concentração, favorecendo o processo de aprendizagem. É também nesta idade que a criança começa a adquirir um pensamento mais abstrato. Esse estágio antecede a puberdade e a adolescência, encerrando a infância.

1.2 – A CRIANÇA DE 2 A 7 ANOS

Partindo das ideias trazidas até aqui, traremos agora mais alguns apontamentos acerca da faixa etária que corresponde à educação infantil, foco desta pesquisa. Essa faixa etária está inserida no estágio pré-operatório, de acordo com a teoria de Piaget, e engloba os estágios projetivo e, principalmente, o personalístico, apresentados por Henri Wallon.

De acordo com Rudolf Steiner (*apud* LANZ, 1979), fundador da antroposofia e da pedagogia Waldorf, o desenvolvimento do indivíduo é dividido em ciclos de sete anos, chamados de setênios. Estando a faixa etária aqui abordada, incluída no primeiro setênio. Além disso, para continuar esta discussão, precisamos entender mais alguns aspectos da antroposofia. Steiner defende a existência de quatro “corpos” que constituem o ser humano: o corpo físico, o corpo etérico, que fornece a vida, estando presente nos reinos vegetal e animal e o corpo astral, também chamado de corpo de sentimentos, presente apenas nos animais estabelecendo os sentidos, a reação, os impulsos, e por fim o “eu”, que distingue o homem dos outros animais. De acordo com Lanz (1979, p.22), “o eu lhe dá a sua personalidade, o eu pensa, sente e deseja através dos seus corpos inferiores, o eu ama e odeia, cobiça e renuncia, comete atos bons ou maus.”

Ao nascer, a criança já possui os quatro elementos, mas somente o corpo físico está “pronto”, em pleno funcionamento. O corpo etérico, o astral e o Eu, tem o ápice de seu desenvolvimento, respectivamente, no primeiro, segundo e terceiro setênio. Nos primeiros sete anos de vida, então, devemos ter um cuidado especial com o desenvolvimento do corpo etérico da criança. Segundo Lanz (1983), assim como o corpo físico, o corpo etérico necessita de uma “alimentação” adequada para desenvolver-se harmoniosamente, ou seja, alguns impulsos que favorecem a ampliação de suas forças e funções.

Dentre os impulsos que podem ser aplicados, se destacam neste pensamento, a estipulação de uma rotina, propiciando uma ideia de ritmo, e o estímulo à criatividade. A criança pequena ainda não tem total consciência do real e do imaginário, e por isso essa é uma fase em que a criação e a imaginação estão veementes. É importante que o adulto direcione a criança, mas sem podá-la.

Para isso, a Pedagogia Waldorf sugere que estejam presentes nessa faixa etária brinquedos simples e materiais naturais, que provoquem a estimulação dos sentidos e agucem a sua criatividade. Além disso, os contos de fadas são indispensáveis na infância, sendo elementos importantes para a formação do caráter, por mostrarem à criança sempre boas lições, mas sem tirá-las do mundo da fantasia.

Nesse período de 0 a 6 anos a criança deve ser oportunizada de atividades artísticas, pois é nesse período que apresentam um avançado processo de maturação e descoberta de si mesma e das coisas ao seu redor; suas estruturas cognitivas estão rápidas e continuadas e isso deve ser estimulado através da experimentação. (SOUZA, 2012, p. 42)

Precisamos destacar aqui um aspecto do processo de ensino-aprendizagem, fundamental para a formação do indivíduo e citado pelas três teorias abordadas nesta pesquisa. Tanto para a antroposofia, quanto para Wallon e Piaget, a imitação é um recurso constantemente utilizado pelas crianças para estabelecer uma relação com o outro e formar a sua própria personalidade. Para Wallon, este processo se intensifica no estágio do personalismo. É nesta fase que a criança começa a se entender como sujeito e tem a necessidade de explorar a si mesmo, mas faz isso com base na sua percepção e relação com os outros ao seu redor e através de brincadeiras e faz-de-conta. Cavicchia (2010) afirma que, para Piaget, é através da interiorização da imitação que a criança tem acesso ao pensamento representativo, fazendo uso de imagens e dando-lhes significados, para compreender o mundo.

É importante salientar, pensando no processo educativo, que nesta idade o exemplo é mais importante do que qualquer discurso e é essencial que o professor atuante nesta faixa etária saiba a dimensão da sua influência para aquela criança, tomando cuidado com as suas posturas. Pois, de acordo com Godoy (2011), a construção da consciência de si se dá por meio das interações sociais e permite um retorno da predominância das relações afetivas, possibilitando grande interesse das crianças pelas pessoas.

Figura 2 – Criança admirando a si própria no espelho



Fonte: Foto retirada do acervo do Espaço Cria, 2019.

Conforme Bueno (2016), é também no estágio personalístico, em torno dos 4 anos, que a criança começa uma fase de exuberância de gestos e movimentos, com o intuito de apropriar-se do amadurecimento das ações espontâneas, graciosas e criativas. A criança nesta fase, está tomando consciência de si e deseja mostrar suas descobertas aos outros, em uma busca por aceitação e validação. Este processo deve ser auxiliado por nós, adultos, exaltando as suas características e tornando-a mais confiante e segura. Porém, é importante ter o cuidado de mostrá-la também as qualidades do outro apresentando valores como amizade e empatia.

2. DANÇANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Até aqui podemos perceber que o movimento é fator primordial no desenvolvimento da criança. Antes de falar e de escrever ela se comunica e percebe o mundo através do seu corpo. Apesar disso, movimentar-se vem sendo esquecido, por vezes, nas atividades do dia-a-dia e principalmente dentro da instituição escolar. As crianças passam horas sentadas, utilizando somente as mãos para escrever. Segundo Haetinger (2013, p.113) "o ambiente de aprendizagem torna-se progressivamente estático e os educandos restringem-se a movimentar as mãos e os olhos." Com o avanço tecnológico que vivenciamos nas últimas décadas, a criança já passa boa parte do tempo sentada utilizando somente as mãos para manusear celulares, computadores ou *tablets*. Tudo isso faz com que a criança fique com os movimentos muito limitados. Ainda conforme Haetinger (2013), é necessário fazer a associação entre os movimentos e os objetivos educacionais, criando relações e situações que favoreçam a aprendizagem.

Neste sentido, a dança é uma atividade que muito pode contribuir para ampliar o repertório motor da criança, proporcionando a aquisição de habilidades essenciais para o seu desenvolvimento.

A ação corporal é a primeira forma de aprendizagem da criança, estando a motricidade ligada à atividade mental. Ela se movimenta não só em função de respostas funcionais (como ocorre na maioria dos adultos), mas pelo prazer do movimento, para explorar o meio ambiente, adquirir mobilidade e se expressar com liberdade. Constrói a partir destas vivências corporais um vocabulário gestual fluente e expressivo que pode ser estimulado pela apresentação da linguagem da dança a ela. (GODOY, 2011, p. 22)

Entendendo a dança como linguagem e área de conhecimento e partindo do pressuposto de que a escola é um ambiente dedicado ao processo de ensino-aprendizagem que serve para a criança como uma continuação do lar, e na maioria dos casos, o ambiente no qual passa a maior parte do seu dia, iremos abordar inicialmente a prática da dança em contexto escolar. De acordo com Godoy (2010), o espaço escolar pode possibilitar e favorecer o contato e a aprendizagem da dança, porque nele a criança é apresentada a diversos saberes e constrói conhecimentos que farão parte de sua vida e de sua inserção na sociedade.

2.1 – A EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZ A BNCC?

Até o século passado, a maioria das crianças até os 6 anos não frequentava a escola e a educação básica se iniciava após o processo de alfabetização. Com o passar dos anos, a educação infantil (pré-escola) foi sendo oferecida por algumas instituições, até que, em 1996, passou a fazer parte da educação básica, tornando-se dever do Estado. De acordo com o Art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação "a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade." (BRASIL, 1996)

A Base Nacional Comum Curricular/BNCC que rege também os conteúdos da educação infantil entende o ensino dessa faixa etária como sendo pautado nas interações e na brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com o outro, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização (BRASIL, 2017). A BNCC também defende seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Cinco campos de experiência compõem a grade curricular da educação infantil, de acordo com a BNCC: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Dois desses campos citam, em sua descrição, a dança como conteúdo a ser trabalhado em sala de aula.

Em "Corpo, gestos e movimentos", a dança se estabelece como uma forma de ampliar o repertório motor da criança, promovendo o autoconhecimento e explorando as formas de expressão pelo movimento. Já em "Traços, sons, cores e formas", a dança aparece como uma manifestação artística para ampliar o repertório cultural da criança e proporcionar o desenvolvimento de seu senso estético e crítico. Ainda segundo a BNCC:

a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas. (BRASIL, 2017, p. 37)

Embora divididos, os cinco campos se entrelaçam e se completam. Há uma constante preocupação em desenvolver nas crianças o conhecimento de si próprio, do outro e do mundo que o cerca. Na educação infantil, ainda não estão nítidas as linhas que separam os conteúdos,

que vem a se tornar as disciplinas oferecidas nas outras fases da educação (história, matemática, geografia, arte e tantas outras). Os conceitos devem estar intrínsecos em cada história contada e em cada brincadeira proposta na escola. Assim, a dança pode ser potente para desenvolver cada um dos cinco campos de experiência e deve estar ligada a eles sempre que for oferecida em espaço escolar.

2.2 – CORPO, MOVIMENTO E EDUCAÇÃO

Para iniciar a discussão sobre a presença da dança na escola, vamos refletir um pouco sobre a concepção do corpo na instituição escolar e como ele vem sendo entendido ao decorrer dos anos. De acordo com Bezerra e Hermida (2012) devemos ter em vista que a forma como o ser humano concebe e trata seu corpo é resultado de construções sociais e culturais que foram e continuam se modificando ao longo da história.

Falar sobre corpo deveria ser simples e natural, mas esta temática intrigou pensadores de diversas épocas. Muitos filósofos compartilhavam um pensamento dualista, separando corpo e alma. René Descartes (*apud* BEZERRA E HERMIDA, 2012) foi um grande defensor desta concepção. Neste pensamento, o corpo representa os sentidos, o pecado, o desejo. Já a alma está ligada à razão, ao pensamento e à inteligência sendo superior ao corpo. Segundo Bezerra e Hermida (2012) Descartes acredita que somente a razão garante a certeza do conhecimento, enquanto os sentidos, advindos do corpo, são duvidosos e não garantem um conhecimento verdadeiro.

Contrárias às concepções cartesianas surgem perspectivas que enxergam o corpo em sua totalidade. Conforme os autores já citados, Bezerra e Hermida (2012), a perspectiva fenomenológica entende o corpo como sujeito no mundo, um sujeito perceptivo e expressivo. Nesta concepção não existem dicotomias e sim um entrelaçamento entre corpo, mente, sensibilidade, razão, sujeito e objeto. É este pensamento, que entende o corpo em sua integralidade, que é aceito por muitos pesquisadores do movimento e da dança e servirá como base para as reflexões a seguir, sobre o entendimento de corpo na instituição escolar.

Na escola, o corpo é muitas vezes negligenciado. O pensamento dualista ainda está presente em muitas instituições. A escola propõe que o aluno passe horas sentado, em silêncio e com movimentos limitados, e quanto mais quieto, melhor aluno é. De acordo com Strazzacapa (2001, p.70), "a noção de disciplina na escola sempre foi entendida como 'não-movimento'. As crianças educadas e comportadas eram aquelas que simplesmente não se moviam."

Seguindo neste pensamento, como incluir a dança na escola, se grande parte das instituições exalta o "conhecimento da mente", inferiorizando o corpo? O grande desafio dos professores de dança no Brasil é remar contra a maré e mostrar que o movimento gera conhecimento e é fundamental para todos.

2.3 – DANÇA NA ESCOLA

Quando falamos em dança na escola, para muitas pessoas o que vem na cabeça é a apresentação que os alunos ensaiam para as festas juninas, dia das mães ou outras datas comemorativas. Ou ainda, as aulas de educação física em que o professor utiliza as músicas da mídia para trabalhar a dança como atividade física. Não vejo nenhum problema com estas práticas, mas devemos repensar o modo de fazê-las e, além disso, tirar a ideia de que a dança na escola é só isso. Acredito, por exemplo, que a época das festas juninas é um ótimo momento para resgatarmos elementos da cultura local, mas da forma como tem sido feita em grande parte das escolas, ficam muito distante disso.

Poucas pessoas entendem de fato a importância da prática da dança. As escolas, que deveriam incentivar o acesso das crianças à dança, e à arte, de forma geral, acabam na maioria das vezes deixando de lado, para dar preferência a outras disciplinas, como português e matemática. Esta é uma realidade que abrange os gestores, professores, pais e toda a sociedade. Parte deste pensamento é resultado de um mal entendimento do que a dança pode ser. Percebe-se facilmente o quanto a população entende pouco de dança quando mencionam o fato de existir graduações em dança na universidade e perguntas como estas surgem: o que vocês aprendem nesse curso? Vocês só dançam o tempo todo? Vocês aprendem todos os ritmos, igual a ‘Dança dos Famosos’? Grande parte da população enxerga a dança pelo que é passado na mídia, mas há um universo de possibilidades na dança que quase ninguém conhece.

Em 02 de maio de 2016, foi instituída a Lei 13.278 que, alterando o Art. 26 da LDB¹, estabelece as artes visuais, a dança, a música e o teatro como constituintes do componente curricular Arte (BRASIL, 1996). A realidade ainda não é tão boa quanto parece. Todas as escolas precisam oferecer aulas de Arte na grade curricular, mas o que acontece é que só uma linguagem é oferecida. Quem tem um professor de música, não tem aulas de teatro. Quem tem um professor de artes visuais, não tem aula de dança. Fora isso, as escolas que tem um professor de dança, dificilmente tem um ambiente adequado para ter aulas de dança,

¹A Lei de Diretrizes e Bases vigente foi sancionada em 1996. Porém, ao longo dos anos algumas alterações são feitas para adequar a educação às necessidades que surgem. O trecho acima citado foi retirado de uma alteração da LDB ocorrida em 02 de maio de 2016, através da Lei 13.278.

tanto no que diz respeito ao espaço físico, quanto as relações com os gestores, professores e funcionários da escola. Pois como foi mencionado anteriormente, as instituições privilegiam outras disciplinas, e grande parte da comunidade escolar não acredita que o seu trabalho ali seja importante.

Mas afinal, qual é a função da dança na escola? Qual o papel do professor de dança?

A dança trabalha o corpo e o movimento do indivíduo, mas isso a Educação Física também faz. A dança desenvolve noções rítmicas, mas a música também. A dança amplia as noções espaciais da criança e do adolescente, situando-os no tempo e no espaço e desenvolvendo sua expressão corporal, mas o teatro também. A dança preocupa-se com a educação estética, mas as artes plásticas também. A dança proporciona o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade, mas isso todas as linguagens artísticas proporcionam... Afinal, o que é exclusivo da dança? (STRAZZACAPA, 2003, p. 74)

Vimos que há na BNCC alguns indícios do que pode ser trabalhado com a dança na educação infantil. Mas, pelo menos para esta fase, não há nada que indique o que o professor de dança, especificamente, deve lecionar. Existem conteúdos próprios de dança para esta faixa etária? Para entender como vem se dando o ensino de dança da Educação Infantil no Brasil, vamos nos respaldar em estudos de pesquisadores e professores de dança da atualidade.

Podemos perceber a seguir, que muitos pesquisadores propõem que o ensino da dança seja uma prática baseada na improvisação e na oportunização de experiências que gerem conhecimento corporal. Ferreira e Falkembach (2012) sugerem que cada aula seja uma experiência a partir da qual professores e alunos irão descobrir algo a mais (do que já sabem) sobre o movimento, sobre si mesmos e sobre as relações humanas, pois nem o professor, nem as crianças estão na escola para acertar, o importante é construir espaços de ensino-aprendizagem, lugares de relação onde o conhecimento vai sendo construído.

Marques (2003), acreditando que os conteúdos para a aula de dança têm que partir da necessidade de cada turma e de cada contexto sugere que o trabalho com a dança em situação educacional tenha o contexto dos alunos como o ponto de partida e aquilo a ser construído, trabalhado, desvelado, problematizado, transformado e desconstruído em uma ação educativa transformadora na área de dança. Almeida (2013) indica algumas características norteadoras para a sua proposta de ensino da dança na educação infantil, os quais ela chama de “pressupostos da dança”. São eles: linguagem artística (a dança), sujeito sociohistóricocultural (a criança), noção do corpo, estruturação espacial, diferenciação eu-outro, interação social, jogo infantil e improvisação.

Já Andrade (2016), estrutura a sua proposta de ensino em três eixos temáticos: o corpo, os fundamentos da dança (desafiando a gravidade, relações espaciais e o ritmo e as relações de tempo) e criação em dança (jogos de criação, apreciando a dança, criação e a apresentação).

Fundamentada na teoria de Rudolf Laban, Almeida (2013) resume, na sua concepção, qual seria a função da dança na Educação Infantil

A dança para a educação infantil necessita estimular a descoberta, e não a padronização; a improvisação, e não a repetição de movimentos previamente determinados. Uma dança que não aprisione o movimento, mas liberte a imaginação, a criatividade e a expressão; que germine das ações básicas do cotidiano e suas combinações (andar, girar, saltar, parar, torcer, dobrar), almejando um conhecimento amplo das possibilidades de movimento, do espaço e da consciência corporal. E, por fim, que possibilite o brincar com o corpo, conhecer-se, conhecer o outro e o meio que o cerca. (ALMEIDA, 2013, p. 34)

2.4 – A DANÇA E A CRIANÇA: ESTABELECENDO RELAÇÕES

Proponho aqui uma observação de pontos importantes a serem desenvolvidos no ensino da dança para crianças, sob a perspectiva de três aspectos que se complementam e constituem uma parte imprescindível para desenvolvimento integral da criança, de acordo com o que vimos no primeiro capítulo desta pesquisa: a relação da criança com ela mesma, a sua relação com as outras pessoas e a relação estabelecida com o espaço que a cerca.

O autoconhecimento é um processo que perdura por toda a vida do ser humano, e tem início na infância, quando a criança começa a se perceber como um indivíduo, separado de sua mãe, com seu próprio corpo, suas vontades e desejos. O início dessa conscientização de si se dá através da descoberta do seu corpo. Ao observar um bebê, podemos perceber que em muitos momentos ele passa um tempo observando o seu pé, ou mão, admirando e descobrindo o seu corpo através dos sentidos. Essa descoberta tem continuidade ao longo dos anos, ampliando a percepção da criança sobre ela mesma.

A dança é uma linguagem artística que está intrínseca ao corpo. Dançar nos faz viver uma experiência com o nosso corpo diferente de como fazemos no dia-a-dia. A cada segundo da vida, o nosso corpo está em movimento, o corpo é movimento. Quando andamos, corremos, subimos escada, levantamos o braço para buscar um objeto, todas essas ações poderiam ser identificadas como passos de dança, e até quando estamos em “inércia” o corpo não para, “lá dentro”, tem milhões de células em pleno funcionamento para nos manter vivos. Mas o que diferencia os movimentos cotidianos dos realizados em uma aula de dança?

Quando dançamos, nos movimentamos não por instinto ou para alcançar um objetivo (como quando nos levantamos o braço para buscar um objeto), mas sim, temos como finalidade o próprio movimento e o desejo de se comunicar através do corpo. Quando estamos em uma

aula de dança, damos mais atenção ao nosso movimento e fazemos com que a criança se conscientize do seu corpo e dos movimentos que pode realizar.

Figura 3 – Relação com o próprio corpo através dos sentidos



Fonte: Foto retirada do acervo do Espaço Cria, 2019.

Permitir que a criança estabeleça uma relação com o seu próprio corpo é, talvez, a primeira e principal função da aula de dança para esta faixa etária, que não está dissociada dos outros aspectos que veremos a seguir, mas se destaca por ser necessário que ela primeiro se entenda como indivíduo, para poder, então, se relacionar com o outro e com o meio.

Inicialmente, podemos citar, como ponto a ser trabalhado nas aulas, a **identificação das partes do corpo**, visto que é com o corpo que a dança acontece. Para Andrade (2016, p.198) “a percepção do corpo é o primeiro passo para a criança aprender seus movimentos. O corpo aqui é pensado como uma unidade, composta por várias partes que se relacionam entre si. Dessa maneira, é importante que a criança conheça e nomeie as principais partes.”

É interessante que a criança aprenda desde pequena que o corpo é formado por ossos, músculos, órgãos, articulações, e cada parte do corpo tem uma função e é necessária para que nós possamos realizar todas as atividades. Esta identificação é essencial para que ela posteriormente desenvolva uma capacidade importante: a propriocepção.

A dança estimula efetivamente as sensibilidades proprioceptivas na medida em que seus movimentos atuam na transferência de peso do corpo, nas mudanças das posições dos segmentos corporais e nas modificações da postura, provocando reações antigravitacionais. Tal estímulo pode contribuir para o conhecimento do corpo ao aluno que dança e como e quando utilizar suas partes para realizar um movimento. Nesse contexto, a dança pode favorecer o desenvolvimento do esquema corporal. (ALMEIDA, 2013, p.39)

Figura 4 – Identificando os ossos do corpo



Fonte: Foto retirada do acervo do Espaço Cria, 2019.

Aliada a este processo de consciência corporal está a **exploração dos movimentos** que o corpo pode realizar. Devemos explorar nas aulas as movimentações de cada parte do corpo, do nariz aos dedos do pé, e propor situações em que elas possam se movimentar de maneiras diferentes do habitual, ampliando o seu repertório de movimentos. Devem ser incluídas atividades de locomoção e de equilíbrio, pensando em desenvolver habilidades motoras de acordo com a faixa etária da turma.

Nesta exploração também podemos investigar as diferentes **qualidades de movimento**. Segundo Ferreira e Falkembach (2012, p.90), “a qualidade do movimento, o ‘como’ do movimento, está relacionada com a intenção do mesmo. Revela e expressa uma síntese do que pensamos, sentimos e desejamos numa dada ação, em determinada situação”. Rudolf Laban², em sua teoria, definiu 4 fatores de movimentos que combinados de diferentes maneiras geram ações/qualidades de movimento, são eles: tempo, espaço, peso e fluência.

Vale ressaltar que as investigações corporais realizadas durante a aula devem também estimular o contato da criança com as outras e com o espaço ao seu redor, pois as experiências e a aquisição dos conhecimentos acontecem de forma simultânea e entrelaçada, uma aprendizagem favorecendo a outra. Assim, devemos levar em consideração fatores externos, favorecendo também a relação da criança com o ambiente.

O **deslocamento espacial** pode ser inserido nas atividades de formas variadas apresentando sempre novas possibilidades às crianças. Movimentar-se nos diferentes níveis

²Rudolf Laban (1879-1958) foi um importante dançarino e pesquisador do movimento. Em suas obras, Laban trouxe grandes contribuições para o estudo da dança e elaborou um sistema de análise do movimento, se tornando uma referência para grande parte dos profissionais de dança.

(baixo, médio e alto) e direções (para frente, para trás, para os lados), além de explorar o ambiente em que a criança está localizada, permite que ela amplie a sua percepção e se posicione de forma mais consciente no meio.

Músicas, batidas e sons, também devem ser utilizados para aguçar a noção de **ritmo**. Sons fracos e fortes, lentos e rápidos, pausas. Quando aliadas ao movimento, as músicas estimulam a coordenação motora, além de ser um recurso atrativo e quase essencial em aulas com crianças.

A aula de dança, estando ou não dentro da escola, é um momento onde a criança se relaciona com outras crianças e adultos fora de seu convívio familiar. A partir desta relação, a criança se encontra como integrante da sociedade e amplia sua comunicação e expressão, aprendendo a lidar com a **coletividade** em diferentes situações. Por isso, segundo Almeida (2013, p.45) “é importante que as aulas de dança na educação infantil promovam atividades que oportunizem dançar em duplas, trios, pequenos e grandes grupos, possibilitando a oposição, apreciação, imitação e a elaboração de ações coletivas.”

Estas ações coletivas proporcionam à criança a **diferenciação de si com o outro**. Aqui também cabe o trabalho de identificação das partes do corpo com o olhar mais voltado para o corpo do outro, observando as semelhanças e diferenças entre as pessoas, percebendo as individualidades de cada um. Para Andrade (2016, p.197), “isso pode incluir o fato de a criança encontrar diferenças entre os tamanhos, os tipos de movimento, de peso e fazer comparações em relação ao seu corpo e aos demais.”

Figura 5 – Cuidado e atenção com o outro



Fonte: Foto retirada do acervo do Espaço Cria, 2019.

Além disso, a criança desenvolve um olhar mais sensível de **cuidado e atenção com o próximo**. De acordo com a BNCC, a criança deve receber na educação infantil as orientações necessárias para que ela seja capaz de atuar em grupo e demonstrar interesse em construir novas relações, respeitando a diversidade e solidarizando-se com os outros. (BRASIL, 2017)

Outro ponto que não pode ser esquecido e está ligado sobretudo à integração da criança na sociedade é a ampliação de seu **repertório artístico e cultural**. Isto pode ser desenvolvido por meio da apreciação de obras artísticas e da reprodução das mesmas pelas crianças. Levando sempre em consideração o contexto em que a criança está inserida, devemos incluir elementos da cultura local.

Para finalizar o capítulo, um ponto importante e um tanto polêmico: as **apresentações**. Já falamos aqui que muitas vezes a dança na escola se limita a apresentações nas datas comemorativas, e sabemos que na dança o que vale é o processo e as experiências pelas quais a criança passa nas aulas, mas não podemos excluir por completo as apresentações na tentativa de apagar este pensamento popular. Pois como sugere Strazzacappa (2003, p.83), “não podemos deixar de lado o resultado final obtido, que tem igualmente sua importância como resultante do processo, logo, como parte dele”.

Além de ser um momento bastante esperado pelas famílias, as crianças também sentem a necessidade de compartilhar os conhecimentos que adquirem. Como vimos anteriormente, a criança no estágio personalístico precisa se autoafirmar mostrando as suas conquistas e habilidades para os outros. Permitir que em alguns momentos ela mostre a sua dança para os colegas e para a sua família é uma experiência riquíssima para o seu desenvolvimento, desde que, tudo esteja conectado com o que está sendo trabalhado em sala de aula.

3. INVESTIGANDO METODOLOGIAS

Dança, dança criativa, dança infantil, dança lúdica, dança educativa... vários nomes são utilizados para se referir a aulas de dança para crianças. Mas o que representam, realmente, cada um desses nomes? Qual a diferença entre dança criativa e dança educativa, por exemplo? Afinal, todas as práticas de dança não são criativas e educativas? E dança infantil? Existe uma metodologia específica a ser utilizada em aulas de dança voltadas para o público infantil?

Durante esta pesquisa, essas nomenclaturas sempre apareciam me trazendo muitas questões para reflexão. Já vimos aqui, alguns objetivos e benefícios de ensinar dança para crianças e percebemos o quão transformador pode ser esse processo de ensino-aprendizagem. Mas de que maneira ele deve ocorrer? Separamos algumas metodologias que são comumente utilizadas com crianças e iremos observá-las a seguir.

3.1 – A DANÇA CRIATIVA

A Dança Criativa é um termo utilizado atualmente para definir uma abordagem que objetiva desenvolver as potencialidades expressivas e criativas da criança através da dança. Possui um caráter lúdico e utiliza-se, geralmente, da improvisação e da investigação dos próprios movimentos.

E por que Dança Criativa? Onde surgiu este termo?

O contexto histórico, político, social e artístico do surgimento da expressão “dança criativa”, meados do século XX, indica que o termo foi cunhado a partir da necessidade de se contrapor a uma forma de se produzir e ensinar dança que tolhia ao executante (artista e aluno) a chance de criar e de se expressar por meio do movimento próprio, ao se trabalhar única e exclusivamente com a reprodução de gestos e passos dados. (STRAZZACAPA, 2010, p. 43)

Porém, ainda de acordo com a autora, a compreensão da dança criativa hoje, não é mais a mesma de quando surgiu, no século XX. A função política e estética da dança criativa citada por Laban, perdeu a força e o termo vem sendo usado para determinar uma prática de ensino de dança, geralmente voltada para o público infantil.

Ainda podemos enxergar a Dança Criativa como uma metodologia que se opõe às demais metodologias tradicionais, nas quais os professores ensinam os passos e os alunos copiam. Na Dança Criativa o foco é o aluno e a movimentação que parte dele. Para Marques (2003, p.143), “é principalmente o discurso da ‘livre expressão’, do ‘movimento natural’ ou da ‘dança

espontânea’ presente nas práticas de ‘dança criativa’ que melhor delineia suas propostas e seus objetivos”. Podemos citar outros aspectos gerais da Dança Criativa, como:

a identificação da estrutura corporal, através dos mecanismos senso-psicomotrízes, utilização de formas e conteúdos que se relacionem com as qualidades de movimento (grande-pequeno, forte-fraco, entre outros); ampliação do vocabulário expressivo através de várias explorações sensomotrízes; entre outros. (ARCE e DÁCIO, 2007, p. 11)

Percebemos, até agora, algumas semelhanças com os pontos que foram apontados no capítulo anterior. Com base nestas descrições, fico pensando o porquê de utilizar este termo, ao invés de apenas dança. Apesar de ser uma proposta que visa a liberdade do aluno se movimentar à sua maneira, isento de técnicas, o nome Dança Criativa já traz consigo algumas características fortes que remetem a um padrão. O uso de uma nomenclatura específica pode ser uma forma de estabelecer algumas normas de execução para esta prática.

Arce e Dácio (2007) ressaltam que, apesar das especificidades de cada técnica de dança, existem elementos e princípios comuns, além de estratégias de ensino, que podem ser usados independentemente da estética enfocada. Assim, o conceito de Dança Criativa apresenta uma nova didática e metodologia para o ensino de dança para crianças.

3.2 – O BALÉ *BABY CLASS*

“Toda menina sonha em ser bailarina!” – quem nunca ouviu esta frase? Além de representar um pensamento machista, dando a entender que só as meninas podem ser bailarinas, esta frase revela uma ideia de que as meninas devem ocupar um lugar de pureza e delicadeza, representado neste caso, pela figura da bailarina. Quando falamos em balé, facilmente levamos a mente das pessoas a imagem da menina com tutu rosa girando na pontinha do pé. Mas há grandes problemas com esses estereótipos.

O balé tem sua origem na Itália renascentista, dentro de palácios, sendo praticado pela alta nobreza. Até hoje, o balé é visto como uma dança da elite. Mas, para além desse contexto sócio-histórico, a técnica do balé propõe um intenso trabalho corporal que combina a força e a delicadeza. O processo de ensino-aprendizagem do balé segue um paradigma histórico de muita renúncia e sacrifício. Professores severos, alunos competitivos e uma constante busca pela perfeição. Mas, a prática de dança vai além da execução de passos. Sei que, para ser um primeiro bailarino de uma grande companhia, é necessário muito esforço e abdicção, mas para que exigir tanto de uma criança?

O ato de ensinar para crianças tem características únicas que não podem ser desprezadas. Será que uma aula de balé para esta faixa etária deve objetivar formar bailarinos? Sabemos que em uma sala de aula passam muitas crianças e dificilmente alguma delas se tornará um bailarino, mas todos devem levar dali aprendizados que servirão por toda a vida, independente da profissão escolhida por ela.

A aula de balé para crianças, o *baby class*, é uma prática que tem sido recorrente em escolas de ensino formal (na maioria das vezes como disciplina extracurricular) e em academias de dança. Foi por meio do balé que entrei em contato com a dança e, também com ele, dei os meus primeiros passos como professora. Segundo Souza (2012, p.111), “o planejamento das aulas de balé para crianças deverá ser uma junção da técnica do balé acadêmico, a partir dos princípios básicos da ludicidade e da brincadeira.”

Por diversas vezes, percebi a necessidade e acrescentei às aulas elementos de dança que não se limitavam a técnica do balé. Ao longo da minha atuação como professora, pesquisadora e com as contribuições trazidas pelo curso de licenciatura em dança da Universidade Federal da Paraíba comecei a me perguntar se é mesmo balé que eu ensino para as crianças, me questionando até onde podemos colocar a nossa “assinatura”, modificando algumas práticas de ensino em uma técnica tão fechada como o balé.

Figura 6 – Exploração dos sentidos e movimentos com o uso de tinta



Fonte: Foto retirada do acervo do Espaço Cria, 2019.

Acredito que alguns princípios desta técnica podem gerar excelentes investigações corporais, mas penso que devemos apresentar às crianças todas as possibilidades de movimentações, não somente as opções longilíneas do balé. Na foto acima, podemos ver os

reflexos do balé em uma aula de *baby class* pautada na exploração e estimulação sensorial. Através das experiências e situações propostas nas aulas, as crianças vão construindo o seu próprio repertório de movimentos.

Para Marques (2010 *apud* FALKENBACH e FERREIRA, 2012, p.69), “o grande desafio da didática atual é justamente repensar, pesquisar e propor formas de ensino para as danças tradicionais que sejam condizentes com as propostas contemporâneas de educação.”

O ensino da dança deve ser transformador e o nosso objetivo, como professores de dança, seja por meio do balé ou de qualquer outra técnica, é formar pessoas fortes, expressivas e que construam o seu próprio mundo.

3.3 – LUDICIDADE NO ENSINO DE DANÇA

Seja no ensino da dança ou em qualquer outro contexto, a ludicidade é um recurso indispensável com as crianças. Tornar o processo de ensino-aprendizagem mais palpável e prazeroso é um dos objetivos das atividades lúdicas.

Para a criança, o que faz sentido é a brincadeira, o jogo. Por isso, a dança não deve perder o caráter de jogo. Pensar na dança como jogo é também agregar todos os outros atributos do jogo ao movimento: relação com o outro, objetivo, organização, regras, imaginação, corpo inteiro. (FALKENBACH e FERREIRA, 2012, p. 70)

Atualmente muitas propostas utilizam o discurso da ludicidade e nomenclaturas como dança lúdica e balé lúdico. Grande parte destas metodologias nomeiam-se assim por fazerem uso de jogos e brincadeiras, aulas temáticas e, principalmente, por utilizarem uma variedade de materiais didáticos (lenços, fitas, bolas, bambolês, entre outras inúmeras possibilidades).

Porém, é importante que utilizemos os jogos e as brincadeiras tendo a consciência do que podemos desenvolver com eles. As atividades realizadas devem apresentar atributos condizentes com os objetivos que estão sendo trabalhados na aula de dança. O que não é nada difícil conciliar, são muitas as possibilidades de utilização do lúdico com enormes contribuições para o ensino de dança.

As brincadeiras de rua, – amarelinha, pula corda, vivo ou morto – muito comuns há algumas décadas, e pouco conhecidas pelas crianças hoje em dia, são ótimos exemplos de jogos que estimulam o movimento, a coordenação motora e a concentração. De acordo com Almeida (2013, p.116), “brincar é criar vínculos e possibilita estabelecer relações. Ao propiciarmos situações lúdicas, de jogo, estamos estimulando a constituição de vínculos e a educação de pessoas sensíveis ao olhar e ao diálogo.”

Outros recursos lúdicos que podem ser utilizados são histórias infantis ou temas que se relacionem ao universo infantil, gerando curiosidade e estimulando a criança a querer participar e aprender. A utilização de objetos como materiais didáticos também é uma forma de atrair a atenção da criança e fazê-la interagir com o meio.

A ludicidade é um caminho que podemos trilhar para alcançar os objetivos de uma aula de dança, seja ela de dança criativa, dança educativa, dança lúdica, balé, ou qualquer outra abordagem de ensino de dança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, nos familiarizamos com o universo infantil e descobrimos algumas características de cada fase da infância, dando ênfase a faixa etária de 2 a 7 anos. Percebemos o quanto o movimento está intrínseco à criança apesar de muitas vezes ser abnegado pela escola e pela sociedade de forma geral. Observamos também que a prática da dança pode proporcionar à criança o desenvolvimento da sua relação com si própria, com a outra e com o meio que a cerca. Assim, investigamos pontos que devem ser trabalhados para atingir este objetivo e os caminhos (abordagens) que podem ser seguidos para tal.

Todo o processo de construção deste trabalho foi muito enriquecedor ao pesquisar e analisar informações sobre o ensino de dança para crianças, faixa etária com a qual trabalho atualmente e trazendo para a escrita aquilo que vivencio na prática. Aqui, tive oportunidade para repensar e trazer à tona questionamentos e reflexões que permeiam a minha prática docente.

Com base em todas as discussões que foram construídas ao longo do trabalho, conclui-se tendo a certeza de que não há apenas uma metodologia/abordagem adequada para tornar o ensino de dança para crianças eficiente. Toda experiência em dança (que respeite as limitações de cada faixa etária, sem forças externas) proporcionará à criança um aprendizado significativo, visto que, nesta idade a criança é movida pela curiosidade de descobrir o mundo e tem a necessidade de explorar as suas movimentações e o seu corpo.

Devemos sim ter um cuidado especial com os conteúdos que serão levados à sala de aula. Observamos, ao longo da pesquisa, pontos que devem estar presentes em uma aula de dança para crianças. Além disso, precisamos nos atentar ao contexto no qual as crianças estão inseridas e nas particularidades desta faixa etária. Para finalizar, propõem-se algumas reflexões que considero de extrema importância, se tratando de uma pesquisa cujo foco é o ensino às crianças.

Mais do que ensinar conteúdos de dança devemos ter a consciência de que somos exemplo para as próximas gerações e que nossas atitudes podem influenciar as crianças que passarem por nós. Como citado anteriormente, a criança tende a repetir as atitudes que observa. Quanta responsabilidade temos em nossas mãos!

Mais do que ensinar conteúdos de dança, devemos ensinar o amor, a empatia, o respeito. As crianças são a esperança de um futuro melhor. Em qualquer ambiente com fim educacional, elas devem levar lições para a vida. Afinal, estamos formando cidadãos.

Mais do que ensinar conteúdos de dança, devemos fazer com que a criança se sinta bem e feliz. Este deve ser o nosso principal objetivo. Acima de tudo, devemos ter a sensibilidade de tentar entender as reais necessidades daquela criança, naquele dia. Algumas vezes, sentar e conversar pode proporcionar um aprendizado maior do que todas as atividades que estavam planejadas para aquela aula.

A dança é importante! Vimos no decorrer da pesquisa o quão benéfico pode ser a prática da dança na infância. A dança pode despertar sonhos, desenvolver habilidades e transformar vidas. Apesar dos percalços na estrada, me apoio nos sorrisos e olhinhos brilhantes que se encontram esperando na sala de aula. Sigamos na doce missão de fazer dançar a criança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda de Souza. **Que dança é essa?** Uma proposta para a educação infantil. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2013.

ANDRADE, Carolina Romano de. **Dança para criança:** uma proposta para o ensino de dança voltada para a educação infantil. Tese (Doutorado em Artes),- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2016.

ARCE, Carmen; DÂCIO Gabriela, **A dança Criativa e o Potencial Criativo:** Dançando, Criando e Desenvolvendo. Revista Eletrônica Aboré, Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo - Edição 03/2007.

BEZERRA, Mayam de Andrade. HERMIDA, Jorge Fernando. **O Corpo nas Instituições Educativas.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação é a base. Brasília, 2017.

BUENO, Jocian Machado. Desenvolvimento geral e psicomotor. In: BUENO, Jocian Machado. **Psicomotricidade:** teoria e prática. Da escola à aquática. São Paulo: Cortez, 2016.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. **O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida.** Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2010. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/224>.

FERREIRA, Taís. FALKEMBACH, Maria Fonseca. **Teatro e Dança nos anos iniciais.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

GODOY, Kathya Maria Ayres de. A dança, a criança e a escola: como estabelecer essa conversa? In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (orgs.). **Algumas perguntas sobre Dança e Educação.** Joinville: Nova Letra, 2010.

GODOY, Kathya Maria Ayres de. A criança e a dança na educação infantil. In: KERR, Dorotea Machado (orgs.). **Caderno de formação: formação de professores: conteúdos e didática de artes**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, Unesp. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo, 2011, v.5, p. 20-28.

HAETINGER, Max G. **O Universo Criativo da Criança: a revolução na sala de aula**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. São Paulo: Summus, 1979.

LANZ, Rudolf. A evolução da criança. In: LANZ, Rudolf. **Noções básicas da Antroposofia**. 7. ed. São Paulo: Antroposófica, 2005. p. 79-88.

MARQUES, I. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Ana Aparecida Almeida de. **A prática pedagógica do balé clássico na educação infantil: revelando caminhos**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2012.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A Educação e a Fábrica de Corpos: A Dança na Escola**. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 53, abr 2001 p. 69-83.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Dança na educação: Discutindo questões básicas e polêmicas**. Pensar a Prática 6, Jul./Jun. 2002-2003 p. 73-85.

STRAZZACAPPA, Márcia. A tal “Dança Criativa”: Afinal, que dança não seria? In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (orgs.). **Algumas perguntas sobre Dança e Educação**. Joinville: Nova Letra, 2010.